

"Esperamos que seja possível um pensamento científico sobre utopia"¹

31 de julho de 2018, entrevista por Tomasz Konicz.

Um diálogo sobre as alternativas pós-capitalistas com os blogueiros do “Keimform”² e autores de livros Simon Sutterlütüti e Stefan Meretz.

Simon Sutterlütüti é sociólogo, ativo no Commons-Institut e no grupo 180grad; Stefan Meretz é engenheiro, cientista da computação, co-fundador do Commons e colunista da revista "Streifzüge" de Viena. Ambos blogam em “keimform.de”, um blog que se dedica especialmente à superação da sociedade de mercadorias, buscando abordagens além do mercado e do estado. O livro "Kapitalismus aufheben" (=Revogar o Capitalismo) está disponível on-line em “commonism.us” ou impresso, na editora VSA-Verlag, (por enquanto só em alemão).

Em seu livro recentemente publicado, "revogar o Capitalismo", vocês convidam explicitamente o leitor a refletir sobre as utopias, a transformação do sistema existente. Isso não representa uma ilusão em face da atual realidade da ascensão da nova direita e da direita populista, pessoas com transtorno de personalidade borderline³, como Trump, Erdogan, Seehofer ou Söder⁴?

Simon Sutterlütüti e Stefan Meretz: Os da direita, entre outros motivos, estão subindo porque oferecem um roteiro: Metas Claras e Caminhos Claros, "NÓS" na frente dos outros. Movimentos emancipatórios quase não têm nada a contra - opor. Eles pedem solidariedade difusa, mas deixam em aberto como uma sociedade possa funcionar que produz solidariedade e tem como base a solidariedade. Da mesma forma, deixa em aberto de como chegar lá.

Nosso livro tenta desenvolver ideias fundamentais e provocar discussões exatamente nesta área. Sem esperança razoável, que seja uma possibilidade tangível para nós mesmos e para os outros, as pessoas têm boas razões para balançar suas cabeças e virar as costas para os "idealistas idiotas". O que resta é o foco no privado para salvar a própria pele. É claro que ainda precisamos de resistência, solidariedade e ação política hoje, mas para que nossas lutas sejam bem-sucedidas e não correremos atrás dos sintomas para sempre, elas devem visar uma sociedade na qual não precisamos mais lutar. As indagações sobre essa sociedade e como podemos alcançá-las são apresentadas em nosso livro.

A utopia é sempre o não-lugar idealizado, o qual dificilmente se possa alcançar. Vocês escrevem sobre uma "teoria categorial da utopia". Pode explicar isso?

Simon Sutterlütüti e Stefan Meretz: Hoje duas abordagens dominam o campo utópico. Uma abordagem de "fazer um desenho" tenta descrever a utopia com a maior precisão possível, a fim de torná-la plausível e convincente. Ele ilustra como trabalhamos todos os dias em uma sociedade livre, criamos crianças, vivemos, nos movemos, etc. A outra abordagem da "proibição de imagens" critica com razão que não podemos saber isto e essas imagens muitas vezes representam apenas uma cópia ou uma extensão da sociedade de hoje. E, assim, dão continuidade à dominação.

Nossa abordagem da teoria utópica categorial leva essa crítica a sério e não desenha uma utopia ao bem prazer, mas analisa num patamar básico e se, de princípio, as suas dinâmicas são realizáveis. Portanto, não escrevemos um sonho-fantasia por humor passageiro ou capricho, mas com base em

1 - Texto original: <https://www.heise.de/tp/features/Wir-hoffen-dass-ein-wissenschaftliches-Denken-ueber-Utopie-moeglich-wird-4122340.html?seite=all>

2 - „Keim“ em alemão é germe. Então a forma onde está contido o germe, aquilo novo que desejamos. Veja tb aprofundamento no final do texto.

3 - Os sintomas incluem, entre outras, instabilidade emocional, sensação de inutilidade, insegurança, impulsividade e relações sociais prejudicadas. Sintomas psicológicos: auto-imagem distorcida, depressão, grandiosidade, medo, narcisismo ou paranoia.

4 - Erdogan, presidente da Turquia; Seehofer, ministro do interior da Alemanha, Söder, governador da Baviera.

nossas teorias sobre a pessoa e a sociedade, determinamos o espaço de possibilidade do desenvolvimento de uma sociedade livre.

Não esperamos que nossas teorias e nossa utopia convencerão todos, mas através de nossa explicação poderemos discutir de perto, desenvolver ou rejeitar as abordagens. Assim, esperamos que ideias e discurso bem fundamentados ou até científicas, sobre a utopia, sejam possíveis. Então as utopias não serão mais fantasias imaginativas que podemos achar então boas ou ruins, mas as utopias serão objeto de críticas, debates e desenvolvimentos posteriores. É hora de falar com fundamento sobre utopias. Nós certamente continuaremos "perguntar de forma questionadora", mas talvez vagaremos um pouco menos.

Uma de nossas considerações básicas: Precisamos determinar um objetivo para poder superar o capitalismo. Uma sociedade livre só pode emergir de nossas práticas, nossas lutas, nossos desejos e nossa busca de um tal objetivo. E ainda mais: Nossas práticas já devem conter a dinâmica de uma sociedade livre em sua forma embrionária e desdobrá-la e desenvolvê-la com sua gradual expansão. Os pontos de partida do novo já existem no passado - de onde mais eles poderiam vir?

"Nós só vamos fazer coisas para as quais estamos motivados".

A noção de comonismo⁵ ocupa muito espaço no seu trabalho, você pode explicá-lo? Qual o papel desempenha a relação entre indivíduo e sociedade nesse contexto, em sua proposta pós-capitalista? Mais do que conhecemos a crítica liberal dos "Estados de Formigas" socialistas⁶.

Simon Sutterlützi e Stefan Meretz: O comonismo é a nossa utopia de uma sociedade livre. Outra palavra seria sociedade de inclusão. Em uma sociedade excludente, como o capitalismo, está estruturalmente assumido e assim, torna-se subjetivamente funcional, satisfazer minhas necessidades às custas das necessidades de outras pessoas. Eu compro a comida mais barata e, portanto, indiretamente apoio péssimas condições de trabalho e desastres ecológicas, mas por isso sobra dinheiro para pagar as próximas férias.

Em uma sociedade de inclusão, é ao contrário. Aqui é óbvio para mim satisfazer minhas necessidades de uma maneira que também inclua as possibilidades de gratificação de outras pessoas. O comonismo é uma sociedade na qual "o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos" - como Marx e Engels viam a lógica da inclusão mútua.

É importante compreender que tudo está interligado estruturalmente. Outras pessoas e suas necessidades não são mais estruturalmente meus concorrentes e inimigos/as, mas positivamente, de maneira estrutural - ou, como dizemos: na lógica da inclusão - conectados a mim. No passado costumávamos chamar isso de "comunalidade estrutural". A liberdade dos outros não é mais o limite da minha liberdade, mas a liberdade dos outros promove e apoia a minha. A inclusão das necessidades dos outros não é, então, um ato de altruísmo, mas o egoísmo e o altruísmo foram abolidos: posso melhor satisfazer minhas necessidades, se incluir as necessidades dos outros.

Agora surge a questão central: Sob quais condições de sociedade a inclusão seja possível? Como a "comunidade estrutural" é gerada? A partir da pesquisa da Commons e das reflexões crítico-psicológicas, duas condições importantes surgiram para nós no momento: a voluntariedade e a disponibilidade coletiva.

Em uma sociedade de inclusão, ninguém pode ser forçado a trabalhar. Isso requer formas completamente novas de organização de atividades: como podemos projetar atividades que as pessoas gostam de fazer? Como podemos incluir as necessidades dos que contribuem? Quais atividades nós temos que talvez automatizar porque ninguém quer fazê-las? O voluntariado é divertido, mas também fare-

5 - A palavra comunismo traz as marcas da experiência histórica, dos gulags, dos regimes autoritários e totalitários que agiram em seu nome. Na consciência de muitas pessoas, a palavra ainda é portanto negativamente pichada. É uma palavra perigosa. Então, se diz "comonism": é para salientar que isso é outra coisa.

6 - Alusão a uma colônia de formigas, onde todos vivem sem demonstrar individualidade, unicamente dedicados ao trabalho.

mos coisas que não são imediatamente divertidas, mas importantes para nós ou indispensáveis. É claro: Só faremos coisas que nos motivem a fazer.

O segundo princípio é a disponibilidade coletiva⁷. Em uma sociedade inclusiva, não pode haver propriedade privada, nenhuma disponibilidade distinta sobre recursos e meios de produção, assegurada institucionalmente. A disponibilidade coletiva é maleável e aberta. É por isso que precisamos refletir juntos, como queremos usar recursos e meios. Isso certamente levará a conflitos, e isso é bom. Conflitos devem ser resolvidos. O comunismo não é uma sociedade de harmonia superficial, mas a sociedade na qual podemos finalmente lidar com nossos conflitos, - fora de derrubada de governo - de uma maneira que ninguém fique sob as rodas.

"Planejamento soberano cria exclusão para outros".

Talvez você possa aqui exemplificar mais concretamente com alguns exemplos. Como deve ser organizada - em termos gerais - a reprodução social, a produção e distribuição de bens de consumo no pós-capitalismo? Qual é o princípio básico, abolido a exploração do capital e do mercado, que transformaria o egoísmo em um "mau negócio" para citar Berthold Brecht - e qual papel desempenham as conquistas da indústria de TI?

Simon Sutterlützi e Stefan Meretz: Talvez comecemos pela coordenação: as sociedades sempre se comunicam via sinais, o que também é chamado de stigmergia⁸. O capitalismo trata da exploração do capital e o sinal decisivo é o preço. Uma miríade de informações é reduzida a uma afirmação: o produto, a inovação, o negócio, se dá lucro ou não.

No comunismo, haverá também sinais, mas eles não simplificam as decisões de exploração, mas ordenam a satisfação das necessidades. Isso tornará esses sinais mais complexos. De muitas maneiras, as pessoas podem inserir as suas necessidades como sinais na coordenação social: Eu quero morangos, precisamos de colaboradores/as no nosso projeto de reciclagem de resíduos, estamos à procura de engenheiros/as que automatizem a redução de enxofre, já ninguém quer assumir manualmente esta tarefa prejudicial à saúde etc. Esses sinais de necessidades criam um mundo de pistas, para os coletivos de produção, nos Comons, tomarem decisões de produção e reprodução e onde as pessoas podem ficar ativas: a creche precisa de mais pessoas? Eu gostaria de ajudar nos próximos meses. As pessoas querem construir mais escolas no próximo ano? Então, a Comun de aço, tentará aumentar a produção de aço.

Esse mundo global de comunicação de necessidades aproveitará as novas formas de TI de várias maneiras, para fornecer globalmente informações complexas por meio de vídeos, realidade aumentada, etc, quer dizer, disponibilizar em qualquer lugar, de forma descentralizada. É claro que o sigilo não tem lugar aqui. O que uma vez foi inventado em um lugar pode ser usado por toda a humanidade.

Mas a stigmergie das necessidades cria apenas uma paisagem de sinais na qual as pessoas podem atribuir a si tarefas livremente. Supomos que essa alocação voluntária já resulta em um alto grau de adequação de atividades usadas e desejos de participação. Mas primeiro, isso não funciona completamente e, segundo, haverá conflitos que precisam de mediação consciente. Alguns conflitos que podemos resolver com relativa facilidade: se um projeto de viajar para o planeta Marte solicita recursos e, ao mesmo tempo, as pessoas precisam de comida, a maioria das comunidades provavelmente classificará a necessidade de alimentos como mais importante. Outros conflitos são mais complicados. Usamos o aço para construir uma escola ou fábrica de calçados? Nossas comunidades de produção de morango têm poucos colaboradores/as, mas muitas pessoas querem mais morangos.

7 - A disponibilização determina minha participação em potência em uma produção preventiva das condições de vida. Um disponibilização fechado, por exemplo, através da propriedade, limita minha capacidade de moldar as condições da minha vida de acordo com minhas necessidades. Uma disposição aberta requer processos coletivos para mediar as várias necessidades.

8 - A stigmergia é uma maneira de comunicação indireta no contexto de um sistema emergente auto-organizado onde os diversos componentes, denominados agentes, comunicam e colaboram entre si. O conceito foi criado a partir de pesquisas em formigueiro que se organiza de maneira perfeita, através de várias maneiras de comunicação entre as formigas, sem ter um chefe que organize as tarefas.

Nossa principal descoberta aqui é que os conflitos não podem ser resolvidos por terceiros sobre as cabeças das pessoas. Isso significa que não há instituição que decida pelos outros. Tais decisões por outros só poderiam ser tomadas se tiverem chance de serem executadas, que por sua vez requer maneiras de quebrar a resistência e para isso você precisa de dominação, armas, castigos etc. Seja como for, se as pessoas nesta posição de poder, chegaram lá através de eleições democráticas, tipo Räterepublik (Estado regido por conselhos) ou dominação por partido único, se percebe que não interessa as partes em conflito entender as necessidades de suas contrapartes e incluí-las em sua própria solução, mas ganhar poder através de tal instituição, para suas próprias necessidades ou aquelas consideradas "corretas", a seu próprio critério, impondo-as aos outros.

Isso mostra a experiência histórica do socialismo real referente ao planejamento central: o planejamento dominativo para os outros cria a exclusão. Mas se já é descartada a possibilidade de fazer valer as próprias necessidades por meio da dominação, o inverso é verdadeiro subjetivamente funcional, encontrar uma solução coletiva, por incluir mais pessoas, convence e incentiva, o que depois sirva também a satisfazer as minhas próprias necessidades. Hoje, conhecemos essa maneira de resolver conflitos de maneira inclusiva, apenas de forma rudimentar, porque hoje ela é simplesmente decidida pela dominação e pelo uso do dinheiro. Em uma sociedade livre, certamente iremos descobrir e aplicar um número muito grande de meios sociais de votação, auto-compreensão, empatia, mediação, que permitirão e facilitarão a resolução desejada de conflitos.

"Não podemos apenas abolir o capitalismo, temos revogá-lo".

*Como deve ser o caminho para o pós-capitalismo? Revolução, reformas ou revogação?
Vocês parecem terem desenvolvido uma "teoria da revogação", como dizem no seu livro.*

Simon Sutterlütti e Stefan Meretz: Nós não podemos apenas abolir ou superar o capitalismo, temos que revogá-lo. A revogação tem três elementos: preservação, ruptura e progressão. Alguns dos seus elementos, p.ex. a interconectividade global poderemos preservar, outras, como atividades forçadas para um propósito alieno⁹, chamado de trabalho, teremos que acabar, certos meios de produção deveremos modificar e desenvolver.

A teoria da revogação analisa de maneira especialmente crítica as teorias política-estatal de superação através de reforma e revolução. A base aqui é a consideração de que uma estrutura dominante - como o estado sendo uma instituição de lei e execução - não pode realizar uma organização social livre. A sociedade livre não pode ser decretada, mas tem que ser aprendida, desenvolvida e construída.

Daí a nossa crítica a certas ideias revolucionárias que buscam ganhar poder político para destruir o Estado. Mas o que acontece no dia seguinte? De onde vem a sociedade livre? Não cai do céu, mas surge de processos dentro da sociedade anterior. Este processo coloca a teoria da revogação no centro. Ela não pergunta "Como podemos ganhar o poder para mudar tudo?", mas sim "Como pode surgir uma sociedade livre, e quais processos e estruturas que precisamos para desenvolver e construir isso?"

Ao mesmo tempo, a teoria da revogação utiliza importantes momentos de reforma e revolução. A reforma enfatiza o processo e a continuidade, a revolução, a ruptura e o novo. A teoria da revogação tenta pensar em um processo que leva a uma ruptura qualitativa, pois apenas um processo que contém, desenvolve e desdobra outra lógica social - para nós a inclusão, a voluntariedade e a disponibilidade coletiva - e rompe com a velha lógica, pode chegar a uma sociedade livre. A sociedade livre não é decretada, mas criada, não planejada, mas aprendida - em um processo de auto-desenvolvimento humano, um processo no qual moldamos as condições sociais de acordo com nossas necessidades.

"Se você entende o capitalismo como dominação das coisas, então não há 'os' governantes".

9 - propósito alieno: quer dizer, meu trabalho é em benefício de outro e não tenho controle sobre o que produzo.

Do lado da esquerda ortodoxa, vocês poderiam ser acusados de ignorar as estruturas de poder e as relações de classe existentes no capitalismo, desenvolvendo uma teoria dos contos de fadas. Como avaliam a resistência a um processo de dissolução tão gradual, baseado na aprendizagem, pelo sistema onipresente – e assim quase completo – da dominação capitalista? Ou isso é algo que irá corroer também nos centros durante o processo de crise?

Simon Sutterlütti e Stefan Meretz: Para alguns, a coisa toda pode soar como teoria de contos de fadas. Mas levemos a sério apenas a questão central da emancipação: de quais processos sociais possa emergir uma sociedade livre? E para isso é necessário um processo de construção libertadora. Revolução ou reforma pode parecer mais fácil para alguns, mas esses caminhos não nos levarão a nenhum outro lugar além de formas modificadas de capitalismo ou socialismo real.

Claramente, a próxima pergunta deve ser: como a revogação é possível sob as condições atuais? Onde estão as oportunidades, dificuldades e obstáculos? Um processo de revogação é impossível no capitalismo ou precisamos, sim, de uma sociedade de transição? Aqui nós dois não estamos de acordo. Enquanto Simon aposta pelo lado subjetivo da revogação e salienta que as pessoas podem hoje procurar e encontrar uma solução diferente e evoluir para abandonar a dominação abrangente da lógica de exclusão, Stefan destaca a importância de crises do sistema: Somente quando todos e todas percebem que o capitalismo, não mais garante a existência de pessoas, elas estarão procurando outras soluções.

No entanto, essa experiência e avaliação também é um assunto subjetivo, porque quanto tempo as pessoas ficarão com o antigo tão acostumado? Isso não está claro, mas por nossa visão, a disponibilidade de conceitos alternativos de sociedade, a utopia que delineamos como uma sociedade de inclusão, terá um papel decisivo. Sem uma utopia bem fundamentada de uma organização social diferente, fora da lógica da utilização e da exclusão, a crise será direcionada para a regressão e o fechamento. E ampliando a pergunta: a questão da resistência por parte de qualquer dominador aparece com frequência. Esta pergunta assume que o capitalismo é um sistema de governo pessoal. Mas se o capitalismo é entendido como um regime das coisas, então não há "os" governantes, mas pessoas que são estruturalmente privilegiadas em diferentes lugares em diferentes extensões. Mas então nós também pertencemos a eles, então não há lados claramente divorciados dos governantes e governados, então a dominação passa por nós.

Vemos isso claramente quando olhamos além do classicismo (=sociedade de classes), com privilégios / exclusão, devido à posição socio-econômica, a outras formas de privilégio / exclusão: sexismo, racismo, preconceito de idade, ableísmo¹⁰ etc. Não existem estes "uns" que estão interessados em manter a situação e ou "outros" que querem superá-la, mas, por enquanto, nós todos estamos interessados na manutenção porque assim podemos garantir nossa existência e, na verdade, na Europa Central, muito melhor do que em qualquer outro lugar.

Então a questão é: como podemos organizar um processo paralelo de des - aprendizagem e aprendizagem que crie novas condições na quais nós não precisaremos de privilégios e exclusões para satisfazer as nossas necessidades. Do outro lado, consideramos a durabilidade e resistência das instituições coaguladas da dominação, despersonalizadas, ser muito mais grave: o mercado, o Estado, a lei, os partidos políticos, a educação, fronteiras, militar, etc. Talvez a sua pergunta vise isso. A resposta neste momento a esta pergunta pode, infelizmente, ser apenas insatisfatória da nossa parte, porque ainda não determinamos suficientemente a forma do processo da revogação. Só então poderemos desenvolver mais concretamente a revogação dessas instituições, o que pode desaparecer, o que precisa ser continuado e o que pode ser criado em uma nova qualidade.

10 - O termo é tradução da língua inglesa, *able-ísmo*. Usa-se para descrever a discriminação, preconceitos e opressão contra pessoas com deficiência física ou mental, advindos da noção de que pessoas com deficiência são inferiores às pessoas sem deficiência. Inclui, desta forma, tanto a opressão ativa e deliberada (insultos, considerações negativas, arquitetura inacessível) quanto a opressão passiva (como reservar às pessoas com deficiência tratamento de pena, de inferioridade/subalternidade).

Do lado neoliberal ou da Nova Direita (Grandes diferenças não existem), vem a acusação de que a ideia de uma sociedade pós-capitalista seria perigosa, pois vai contra a natureza humana predatória, cuja expressão seja capitalismo. Como você lida com tais projeções?

Simon Sutterlützi e Stefan Meretz: A nova direita pensa apenas a continuação do neoliberalismo, de maneira consequente. Eles são filhos adotados, radicalizados do neoliberalismo, representado em graus variados em todos os partidos. Uma dessas consequências é a afirmação, como se fosse e coisa mais natural, que o homem é apenas um predador. A verdade é que as pessoas podem realizar esses "feitos". Eles são obviamente capazes de prevalecer às custas dos outros, e o capitalismo é a estrutura perfeita em que isso acontece.

Mas igualmente óbvio, existem comportamentos e relacionamentos diferentes que visam a inclusão. Então, a questão é: de quais condições sociais você precisa, de modo que esse lado venha a prevalecer? Com o nosso livro, propomos olhar para ambos os aspectos simultaneamente, nas possibilidades subjetivas e nas condições objetivas.

Mostramos que não precisamos ficar enganados só porque alguns querem aquilo que existe realmente, a lógica da exclusão, ancorar nos seres humanos como se fosse uma propriedade natural e assim perpetuá-la. Mostramos também que não é o suficiente para agir apenas individualmente de maneira diferente, consumir de forma ética, etc. A inclusão individualizada, mesmo bem intencionada, fica aquém. Mas precisamos de estruturas nas quais um comportamento inclusivo seja subjetivamente funcional, no qual ele garante sua própria existência de uma maneira qualitativamente bela. E isso, no final, devem ser estruturas sociais, do jeito que tentamos desenvolvê-las como comunismo.

Com o nosso livro, parece, acabamos de criar somente uma estrutura inacabada. Convidamos todos e todas que desejam desenvolver uma utopia e transformação bem fundamentadas a participar - tanto teórica como praticamente.

"A sociedade livre não é alcançada por uma mudança de política - estatal, mas por uma revolução de nossas relações".

Você também escreve no blog keimform.de. Pode nos explicar o que são as formas de germes? Trata-se de encontrar abordagens de outra sociedade - no meio do capitalismo tardio?

Simon Sutterlützi e Stefan Meretz: Pode haver várias teorias de abolição, a teoria da forma de germes é nossa. As formas germinativas são espaços sociais no capitalismo em que a lógica da inclusão já é determinante. Como esses espaços sociais existem dentro de um ambiente "hostil", eles serão sempre limitados. A lógica da inclusão ainda não se mostra totalmente neles: a dinâmica de uma sociedade de inclusão é apenas rudimentar, não desenvolvida, reduzida. E, no entanto, essas formas germinativas - com um desenvolvimento social adequado - podem se tornar a base de uma nova sociedade.

Agora, a questão central, quais são as formas germinativas essenciais, de onde poderia surgir uma sociedade de inclusão? Então, se trata realmente de encontrar inícios de outra sociedade. Infelizmente, estamos mais indecisos do que há um ano: Voluntarismo e disponibilidade coletiva, sugerindo inclusão, podem ser encontrados em múltiplas áreas e projetos, que são muitas vezes referidos como Commons: Wikipédia, a agricultura solidária, centros autônomos, comunidades residenciais coletivas, abrigos feministas de proteção, acampamentos a favor da proteção climática etc.

Mas a inclusão aqui não é apenas limitada, mas os projetos também são limitados: eles são muitas vezes voltados para o ambiente interno, interpessoal. Por exemplo, esses projetos dificilmente podem fornecer objetos - como alimentos ou roupas - para membros que não são do projeto. Para que os projetos funcionem bem, a disponibilidade coletiva só pode ser feita em pequena escala. Assim, como pode surgir disso uma rede social e disponibilidade?

Aqui estamos incertos e críticos à ideias de que os projetos simplesmente, de alguma forma, se conectem e, assim, criem um "espaço comum" que eventualmente substitui o capitalismo. Em nosso livro, tentamos discutir alguns cenários. Aqui esperamos ansiosos por co - pensadores, já que esta é uma questão difícil que só podemos responder juntos.

De fato, isso parece ser uma contradição central de uma "prática de abolição". Pode realmente haver uma vida real no todo errado? Os críticos podem agora argumentar que as abordagens das formas de germes desativam a quebra necessária, categorial, com as condições caóticas predominantes, promovendo de fato a retirada de ativistas em nichos sociais.

Simon Sutterlützi e Stefan Meretz: Não se trata de uma vida real no errado, mas a prática e expansão da nova maneira de relações (Bini Adamczak¹¹), o que pode criar uma sociedade livre, a partir da sua generalização. Essas relações no errado não podem estar certas, mas, mesmo assim, contêm o potencial de uma organização social livre. Assim, essas formas germinais não desarmam a ponta da ruptura social, mas se desenvolvem na direção da ruptura.

Este é o elemento que falta parcialmente aos movimentos que não atuam em nichos: tentam ganhar generalidade, mas já como não constroem novas formas de socialização e, portanto, a produção de generalidade, eles se movem na forma antiga, e esta é geralmente a mudança nas regras político-estatal. No entanto, esta mesma forma retira a ponta do esforço emancipatório e o torna ser eficiente apenas nas brigas por um dia (de trabalho) de 6 horas, casamento homossexual, crítica à deportação, redistribuição de renda, etc. A ruptura categórica não é o fim de um movimento político, não cai do céu após a revolução, mas só pode se desenvolver em nossos relacionamentos, em nossos contextos sociais. Em última análise, porém, ela pode se desdobrar irrestritamente somente após a ruptura social, quando as formas germinativas e sua lógica de inclusão se tornam dominantes e determinam a sociedade.

Formas embrionárias criam espaços para outras evidências, mesmo que vivenciemos espaços e bolhas esquerdistas ou ambientes emancipatórios, experimentando-os como uma maldição e restrição, percebemos dolorosamente seus benefícios, quando vivenciamos o sexismo cotidiano, racismo, individualização e isolamento em banda larga, não filtrada.

Essas formas de germinação podem ser experimentadas não apenas em pequenos projetos suaves, mas também em grandes demonstrações e no meio de lutas sociais. Também aqui, tentamos envolver as nossas necessidades mútuas e cuidar uns dos outros; muitas vezes baseado na participação voluntária e disponibilização coletiva sobre formas de organização, processos de grupo, linguagem, etc. Mas muitas vezes os processos sociais realmente novos só são vistos, de maneira instrumental, somente como um meio para propósitos mais importantes do objetivo político.

Sugerimos que levemos a sério essas práticas como formas germinativas e as desenvolvamos conscientemente como formas relacionais, pois muitas vezes sofremos uma confusão. Simplificando: somos gentis uns com os outros para aumentar o resultado político, mas devemos usar o resultado político para que possamos ser bons uns com os outros. As formas de germinação requerem lutas políticas e são facilitadas por elas, mas a ordem deve permanecer clara: não é o poder político que nos trará liberdade, mas novas formas de mediação e organização. A sociedade livre não é alcançada por uma mudança na ordem político - estatal, mas por uma revolução de nossos relacionamentos - interpessoais no espaço próximo como também trans-pessoal na sociedade.

Tradução: Haroldo Schistek
As notas de roda pé são do tradutor

11 - (* 1979) é uma escritora política sobre temas do comunismo e da sexualidade queer.